

Um médico de família e o enigma do “Pai Nosso”

Arary da Cruz Tiriba

O aluno ouviu o Mestre com atenção. Passava-lhe a impressão de que, pela longa experiência clínica, o velho educador tinha resposta para tudo. Ainda assim, o discípulo quis testá-lo. E ousou desafiar o Professor:

— Você chega ao diagnóstico pela análise da queixa, dos sintomas e dos sinais. Tudo parece simples! Será sempre assim, para nós, quando chegarmos a bacharéis? Ou existem situações, Mestre, de sinais e sintomas aparentes, contudo, indecifráveis?

O Mestre sorriu:

— Mistérios! Se existem entre o céu e a terra, certamente você os defrontará à beira do leito.

E prosseguiu:

— O médico de família adquire conhecimento, necessariamente, das peculiaridades pessoais de cada membro da unidade doméstica e, por dever de ofício, testemunha episódios surpreendentes, inesquecíveis, por vezes inexplicáveis! Eu era moço, como você, quando assistia uma família paulistana de quatro membros: pai, brasileiro, de origem centro-europeia, artífice de joalheria; mãe, dona de casa, potiguar, há anos radicada na pauliceia. Casal de filhos: a jovem, 17 anos; o caçula, 12 anos.

Bom observador, o Mestre passou a descrever perfis, de uns e outros.

— O genitor, sonâmbulo a episódios alternados — de hilariantes a altamente perigosos! Por exemplo, arrancar sua mulher da cama, segurá-la pelos cabelos, rodopiá-la, rodopiá-la, até recolocá-la no leito... ou caminhar, à noite, na sacada sem parapeito da hospedaria, sob risco de despencar das alturas. Era possuidor de alguns conhecimentos esotéricos, “por ouvir falar”, transmitidos da parentela. A mãe, dedicada ao lar, personalidade inflexível, agnóstica! A moça, voluntariosa. Notória incompatibilidade entre mãe e filha.

Pausou para, então, passar à descrição do caso clínico:

— Fiel da casa, o menino! Caráter meigo, afável, cativante. Antes dos dez de idade, fizera a primeira comunhão. Despertou a atenção pela palidez, inapetência e febre. Esclarecimento, agravamento e evolução — que levaram apenas uns 30 dias — foram rápidos. Diagnóstico: leucemia! À madrugada, entrou em coma profundo! Na expectativa do final, silêncio sepulcral! À roda, quatro pessoas: os pais, uma tia, o professor que lhe faz a narrativa. Respiração se enfraquecendo a intervalos mais e mais dilatados. Do pequeno moribundo, inconsciente, começou a récita... “*Pai nosso... que estais no céu... santificado seja... o vosso nome... venha a nós...*” Audível, palavra por palavra, profundo, pausado, solene, meditado... inteira serenidade! Ao “*Amém*”, prece concluída...

— Morreu o garoto!...

— Sim, a passagem da vida. Do presente para o pretérito. Mas perdurou para sempre aquele “Pai Nosso”! Marcante, indelével! Discurso do menino em coma?! Impossível. Durante a doença, nenhuma assistência espiritual. No seu entorno, apenas este seu Mestre... Em meu passado, estive voltado à fé católica, contudo religiosidade já não exercitada, substituída que fora pelo exercício pleno da clínica. Da clínica, como sacerdócio... Mas surpreendente, insisto, a oração proferida pela criança em estado de coma fora impecável!

— Se você ficou tão impressionado, Mestre, sua interpretação foi a de um fenômeno?

— De certa forma, sim, se é para se satisfazer o inexplicável, porque, ao que assisti, o que ouvi, não sucede com habitualidade. Acrescento que, em volta do leito, estávamos profundamente concentrados no episódio dramático. Formávamos a corrente. De energia? Que acha? Dos presentes, à exceção do pequeno paciente, o único que, em algum momento, exercera religiosidade fora eu, repito, mas estou convencido de que não mentalizei a oração do menor.

— Mestre, você tinha o diagnóstico, leucemia, mas percebo que este não ficou completo. Acho que sou capaz de adivinhar. Posso arriscar? Você teria testemunhado a *transfiguração*, sim, a oralidade da alma... Ou a do menino, ou a do ser espiritual que se dispunha a despojá-lo da estrutura somática... para direcioná-lo a outro caminho? O da paz do Senhor?

— É possível que esteja certo, meu caro. O “Pai Nosso” é a manifestação da fé. Sua reza pode ser — sem depreciação — automática, trivial, porém, no caso, reafirmo, jamais voltarei a ouvir aquele “Pai Nosso” grandioso e virtuoso! Pleno de sentimento! Perfeito! Como proposto pelo seu autor.

Nota do autor: quando a narração foi repetida a uma mulher simples, de escolaridade mínima, sua interpretação veio curta e pronta: “Ora, o Anjo da Guarda do menino!”.

Arary da Cruz Tiriba
*Médico, Professor Titular da UNIFESP/EPM
e membro da Diretoria da Academia
de Medicina de São Paulo*